

# Congressistas dos EUA ESTADO DE SÃO PAULO temem exemplo brasileiro

Dívida Externa

10 JAN 1986

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O Brasil precisa encontrar uma forma de pagar sua dívida externa. Se não pagar, o exemplo poderá ser seguido por outros países, com prejuízos econômicos e sociais para o mundo desenvolvido e as nações subdesenvolvidas. Não importa que a dívida seja fruto de empréstimos contraídos pelo governo militar, que tenham sido mal aplicados. O País tem de pagá-la para receber novos créditos.

Essa foi a colocação dos 13 deputados norte-americanos, integrantes da Comissão de Finanças da Câmara de Representantes, aos seis deputados brasileiros que discutiram a questão da dívida externa, do mercado internacional. A delegação dos Estados Unidos, que visitou a Argentina e agora segue para a Venezuela, está colhendo informações sobre a situação econômica dos países sul-americanos, a fim de subsidiar os congressistas.

O deputado Irajá Rodrigues (PMDB/PR) quebrou o tom cordial da reunião, logo ao seu início, ao afirmar que o Brasil "não tem condições de pagar os juros de sua dívida externa às taxas atuais". Responsabilizando o governo dos Estados Unidos pela situação, "na medida em que o Tesouro norte-americano pressiona o mercado financeiro internacional em busca de recursos para cobrir seu déficit público".

"A melhor forma de o Congresso americano nos ajudar a pagar nossos débitos é através da redução do déficit público dos Estados Unidos" — disse Irajá Rodrigues, provocando um burburinho entre os visitantes.

O chefe da delegação, John La Falce (democrata de Nova York), respondeu rápido: "Para nós, a dívida é um problema tanto dos credores como dos devedores. Nós não temos nenhuma solução à vista, mas entendemos que o caminho natural é, primeiramente, o Brasil saldar seus compromissos e, depois, obter mais recursos para sua expansão econômica".

Pedindo a palavra, o deputado Walmor de Lucca (PMDB/SC) disse que a dívida brasileira resulta da vontade mútua dos banqueiros e do governo militar do passado. "Os banqueiros internacionais agiram irresponsavelmente ao entregarem recursos a um governo militar que não tinha respaldo na opinião pública" — disse ele. As verbas, em muitos casos, foram mal aplicadas, como no

Programa Nuclear. "Pagamos cinco bilhões de dólares por duas usinas nucleares importadas dos Estados Unidos, as quais não produzem energia e nos custam um milhão de dólares por dia. Não podemos agora condenar cem milhões de brasileiros à fome e à miséria por causa dos maus gerentes do passado. E os americanos precisam entender isso", acrescentou ele.

Embora o presidente da Comissão de Finanças, deputado Moisés Pimentel, amenizasse a colocação, dizendo que o Brasil vai honrar seus compromissos, embora somente a longo prazo, apesar de todas as dificuldades, os visitantes sentiram-se incomodados.

O deputado Stan Parris (republicano da Virgínia) protestou: "Mas, se o governo deste país usou o dinheiro e determinou sua aplicação, não seria razoável que nós aconselhássemos nossos eleitores a simplesmente perdoar os erros do passado dos brasileiros". E veio a resposta, rápida, do deputado Heriberto Ramos: "O risco dos banqueiros foi consciente, tanto que cobraram do Brasil as mais altas taxas de risco, emprestando recursos até mesmo para projetos considerados inadequados ao País pelo Banco Mundial, como a Ferrovia do Aço. Ainda assim, poderíamos pagar a dívida, mas o protecionismo norte-americano impede a entrada de nossos produtos em seu mercado".

Pelos visitantes, respondeu então a deputada Marge Roukema (republicana de Nova Jersey), argumentando que os congressistas não controlam nem os bancos nem os banqueiros. "Não estamos nos desculpando — disse ela —, mas todos nós, bancos, parlamentares e povo, seremos influenciados pela forma como isso for resolvido. O Brasil precisa encontrar uma solução, via FMI ou através do Plano Baker."

Moisés Pimentel aparteou: "Nós temos responsabilidade. Não sabemos como e quando podemos pagar. Mas vamos fazê-lo". E o deputado George Wortley (republicano de Nova York) tentou conciliar: "Nós precisamos democratizar tais soluções. Sabemos que houve falhas. Mas o que nos preocupa é que o Brasil é líder no Hemisfério Sul. O que os senhores fizerem será exemplo para outros países. Gostaríamos de ajudá-los a controlar a inflação e aumentar suas exportações. E achamos que a melhor solução é o Brasil receber bem novos investimentos estrangeiros, para criar novos empregos, sem elevar a dívida externa".